

# Carta de Apresentação Jornal Metacrático

Caro leitor(a),

O Jornal Metacrático é um periódico escolar idealizado e montado por alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio da Etec Aristóteles Ferreira, juntamente com professores, coordenadores e diretores, para promover a voz do jovem estudante e para oportunizar o desenvolvimento artístico-textual dos presentes na escola. Dessa forma, o título do nosso querido projeto reflete todos os valores que nele inserimos, sendo a justaposição entre dois radicais gregos: “meta”, que quer dizer transformação, mudança, e “crático”, que define poder, força. Assim, o nome do jornal significa “poder da transformação” ou “força da mudança”.

O projeto em questão foi iniciado em maio de 2021 a partir da ideia de uma aluna do 2º ano do Ensino Médio Regular, Júlia Wong, que, com a colaboração da Diretoria e Coordenação, conseguiu tirá-lo do papel e, ao unir-se com a equipe estudantil, transformá-lo no que hoje você tem nas mãos. Todo o processo de produção, do início ao fim, é concretizado por um grupo de lecionando comprometidos a entregar o jornal mensalmente; de acordo com a Coordenadora Pedagógica Maristela Gamba, “o projeto é desenvolvido pelos próprios alunos, desde a seleção de pauta, redação, diagramação e divulgação, os alunos envolvidos vivem uma experiência única, que reflete em sua formação pesso-

al e profissional”.

O jornal foi pensado para estimular no aluno a busca pelo senso interpretativo e artístico e pelo aprimoramento das modalidades escritas que ele tem o potencial de externar. Nas palavras da Diretora Geral da EtecAF Fabiana Golz “ampliar a percepção e filtrar informações, buscar sua origem, avaliar cenários, interagir, socializar, pesquisar, escrever, ler, desenvolve (...) o protagonismo, senso crítico e a cidadania de maneira consciente, livrando-os de manipulações arbitrárias dos meios de comunicação atuais”. Nesse sentido, o projeto já colhe seus frutos; o Coordenador dos Cursos Técnicos de Informática para Internet, Programação de Jogos Digitais e da Agência Digital EtecAF, André Reis, afirma que a escola já está em um processo de transformação no qual o aluno se torna o personagem principal e precisa se engajar. Nesse contexto, o Jornal Metacrático entrou como um instrumento de identificação que propiciou a sensação de pertencimento e o aperfeiçoamento das habilidades dos estudantes.

Para além da figura dos discentes, o periódico traz uma reflexão sobre as relações entre as dualidades escola e sociedade e adolescente e mundo exterior. De acordo com a diretora Fabiana, “um projeto como esse ultrapassa os muros da escola e os limites de uma plataforma digital de aprendizagem (...) e pode criar uma corrente de combate a essa epidemia de desin-

formação [das fake news]”. O jornal também faz ponderarmos sobre a maneira como a educação molda os estudantes e de que modo os projetos influenciam nisso. Para o professor André, “precisamos repensar a nossa forma de ensinar, avaliar e criar projetos. Contudo, o principal é entender que nem todos os alunos vão participar e não vejo nada de errado nisso. Os projetos precisam continuar existindo para quem acredita que eles possam fazer a diferença”. A professora Maristela ainda adiciona que isso possibilita o fomento de iniciativas que sejam relevantes não só para a escola, mas para o crescimento dos próprios alunos.

Com tudo o que foi mencionado, agradecemos à Diretora Fabiana Golz, ao Coordenador André Reis, à Coordenadora Maristela Gamba e aos professores de Língua Portuguesa pelas valiosas orientações e pelo fundamental apoio, ambos vitais para a existência de todo esse ciclo que possibilita a produção e lançamento do jornal ao final de cada mês. Por fim, queremos agradecer a você, querido leitor(a) que acompanha o Jornal Metacrático, por partilhar dessa experiência que, mais uma vez, revoluciona o ambiente escolar e nos faz mais cidadãos. Obrigado!

Assinado,

Equipe do Jornal Metacrático.

## Brasil em Chamas

Além das catástrofes de destaque no ano de 2020, como o ápice da pandemia e rumores de uma guerra, ocorreram tragédias com menor visibilidade e, portanto, menor problematização. Esse é o caso da degradação do Pantanal, que teve seu território desolado por queimadas de proporções históricas, as quais ameaçam novamente o bioma em 2021.

O Pantanal é considerado uma das maiores extensões úmidas contínuas do planeta e ocupa 1,76% da área total do território brasileiro, um espaço de aproximadamente 150 mil km<sup>2</sup> que abriga uma rica e diversa fauna e flora, além de milhares de pessoas que vivem e necessitam do bioma para obter sua moradia e seu sustento, como comunidades indígenas, agricultores, pecuaristas e outros moradores da região. Contudo, apenas no ano passado, aproximadamente 30% do ecossistema foi consumido pelos incêndios, causados tanto pela conduta humana (cerca de 90% de todas as queimadas são originadas por interferência do homem) quanto pela seca, que tem a tendência de aumentar gradativamente a cada ano. As chamas atormentaram também cerca de 4,6 bilhões de animais, e destes, ao menos 10 milhões morreram carbonizados devido à inalação de fumaça e à escassez de água e alimentos.

O aumento gradativo nas últimas décadas e principalmente nos últimos anos das queimadas florestais pode ser vinculado às variações climáticas vividas atualmente. Para entendermos estas alterações: o efeito estufa é um fenômeno natural da Terra que, em si, não nos causa mal algum. Ao contrário, gases como vapor d’ água, dióxido de carbono e metano, que não deixam o calor que chega do Sol na superfície terrestre ir de volta para o espaço, criam uma condição de aquecimento e é graças a esta que estamos aqui, pois assim possuímos uma temperatura estável e compatível com a vida na Terra. Já as mudanças climáticas são resultados do excesso de gases do efeito estufa (GEE) na atmosfera terrestre, o qual tende a aumentar a variação climática global fornecendo climas extremistas, secas ou inundações intensas. Além disso, foi comprovado em diversas pesquisas que estas mesmas secas, agravadas pelo efeito estufa, produzem mais incêndios florestais de maior intensidade, causando a perda da cobertura vegetal, a desertificação e a diminuição da absorção de carbono pelos ecossistemas terrestres. As consequências dos impactos provocados pelas mudanças climáticas globais sobre a co-

bertura vegetal e os regimes de incêndios, da mesma forma que as tendências demográficas e socioeconômicas observadas, sugerem que os incêndios florestais continuarão tendo um papel fundamental na destruição da cobertura vegetal, resultando em um aumento na ocorrência de desastres ecológicos e humanitários, relacionados com o clima, como a erosão do solo e as grandes inundações. Em outras palavras, o aumento da gravidade dos incêndios florestais está contribuindo para a variação climática global e a variação climática global está contribuindo para o aumento da gravidade dos incêndios florestais.

Com a intenção de conter os danos, os governos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul criaram comitês com especialistas para atuar no combate ao fogo no

Pantanal. Em julho de 2020, brigadistas do Prevfogo, vinculado ao Ibama, começaram a atuar no combate ao incêndio no bioma. Alguns especialistas apontam um desleixo em relação ao tempo de resposta das governanças para início das operações diante do cenário de queimadas que havia sido evidenciado desde o início do ano passado. Atualmente, porém, brigadas foram destinadas às áreas de bioma que não receberam vitórias no passado, mas longe da quantidade visada como ideal. A crise hídrica deste ano prejudicou o pantanal mais uma vez, ultrapassando medidas históricas novamente e perdendo apenas para o mesmo período de 2020.

Por Isadora Viveiros Assumpção



Os incêndios acometem as áreas pantaneiras e destroem a biodiversidade local.

Foto: [Jaime Dantas/Unsplash](#)



## A ascensão da China

Da fabricação de nossos dispositivos digitais a produção de nossas roupas do dia-a-dia, é inegável a presença da indústria chinesa em nossas vidas. O país de mais de 1,4 bilhões de habitantes vem tendo uma gigantesca ascensão no mercado econômico internacional, se tornando uma ameaça aos Estados Unidos e seu posto de principal potência econômica mundial.

Apesar do iminente avanço do país no século XXI, a China vinha tentando se consolidar no mercado desde o final da Segunda Guerra Mundial, no governo do primeiro presidente chinês, Mao Tsé-Tung (1949-1978), em uma série de políticas mal-sucedidas que só pioraram a situação. O começo de tudo foi realmente no governo de Deng Xiaoping, iniciado em 1978, após a morte de Tsé-Tung, quando a China começou a se aproximar mais do resto do globo e participar de instituições internacionais... [PSE-1](#)

## A origem do esporte

Você tem alguma ideia de quando o esporte surgiu? Bem, é realmente difícil definir uma data exata para esse surgimento. Dizem que o esporte surgiu há muitos anos, o que não permite apontar uma data para esse aparecimento. Dizem que desde os tempos primitivos existe a prática de esportes voltados à sobrevivência, fundamentando-se em ações como: lutar, correr, pular, lançar objetos, praticar arco e flecha, nadar, entre outras atividades que hoje se tornaram modalidades esportivas específicas. Ressalta-se também a informação de que o esporte está ligado a rituais e práticas religiosas, em sua abrangência politeístas.

A primeira evidência de atividade física encontrada pertence à antiga China, datando de 4000 a.C., em termos de exercícios. Em meados da década de 1850 a.C., eles descobriram um afresco no Egito com imagens mostrando uma luta em diferentes movimentos, sugerindo que a atividade era organizada e estratégica... [APN-1](#)

## Parábola da Bolsa

Úlia, mulher inteligente e à frente de seu tempo, tinha o incomum hábito de andar com uma bolsa colorida, retangular e cheia de bolsos. Era uma peça única, enfeitada com pompons das mais diversas texturas e formatos: alguns cúbicos peludos, outros triangulares e lisos e ainda dois com o estranho contorno de abajur. Essa coisa exótica era levada para todos os lados e carregava um significado especial para Úlia: continha dentro de si todos os itens que a representavam. Um batom, para sua vaidade, uma muda de roupas, por precaução, um livro, para sua intelectualidade, o número de telefone de seu quiroprata, para a saúde e, claro, as chaves de sua casa, conquistada com o suor de toda uma vida. Entre os muitos objetos óbvios, havia um que se sobressaltava pela peculiaridade – típica desta mulher -, que era o conjunto de números de seu partido... [C&C-1](#)

## Netflix x HBO

No dia 19 de setembro ocorreu o Emmy 2021, que marcou a disputa entre Netflix e HBO, com 129 contra 130 indicações, era de se esperar mais premiações entre as duas. A HBO tem o

costume de ganhar mais prêmios, pois sempre foi modelo de qualidade em séries, mas nessa edição a Netflix conseguiu surpreender. The Crown levou vários dos prêmios, incluindo Melhor Série de Drama; O Gambito da Rainha foi a melhor minissérie e vários atores como Ewan McGregor ganharam... [CULT-2](#)



## Festival de Artes

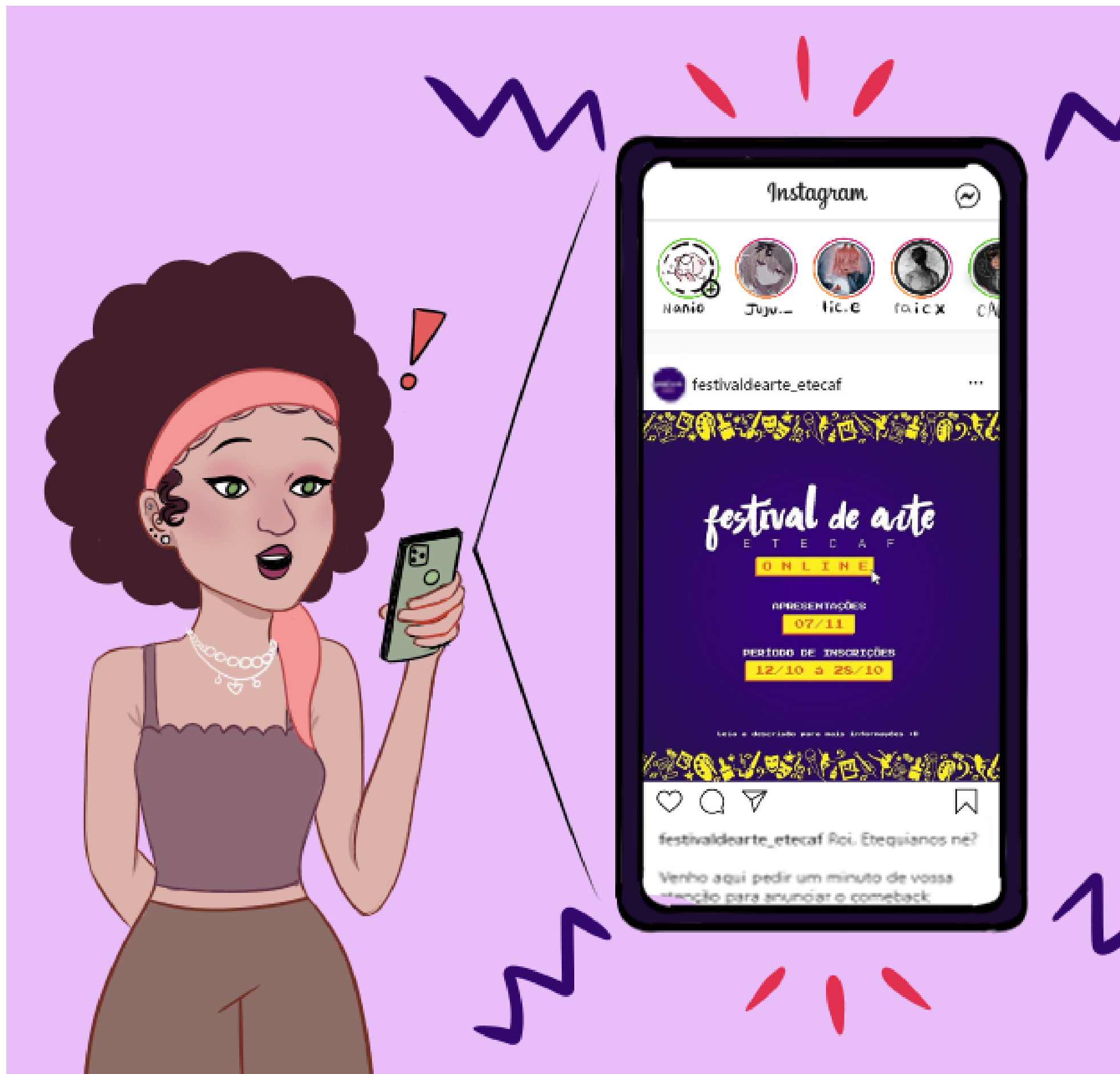
Com mais um ano letivo, vem mais um Festival de Artes da nossa ETECAF (Escola Técnica Aristóteles Ferreira). A iniciativa que começou depois de um Festival de Dança, que se abriu para todas as formas artísticas formando uma grande exibição, está de volta para sua terceira edição, mais uma vez virtualmente – não menos aconchegante – tudo muito bem pensado e articulado por uma equipe

de organizadores que é composta por discentes da instituição escolar em união com aqueles já formados e engajados com as raízes do que construíram aqui neste espaço democrático do saber. Toda essa movimentação mantém viva a tradição para etequianos (estudantes de Escolas Técnicas do Estado de São Paulo) futuros. Com isso dito, caso queiram participar do comitê de organização para o ano se-

guinte, estamos de braços abertos à sua espera. A estreia deste ano será dia 6 de novembro no canal do youtube “Festival de Arte ETECAF” por volta das 17h.

Por Rachel de C. Tavares

Ilustração por [@naniob\\_art](#)



# A Ascensão da China e a aliança AUKUS: a intensificação dos conflitos entre potências

Da fabricação de nossos dispositivos digitais a produção de nossas roupas do dia-a-dia, é inegável a presença da indústria chinesa em nossas vidas. O país de mais de 1,4 bilhões de habitantes vem tendo uma gigantesca ascensão no mercado econômico internacional, se tornando uma ameaça aos Estados Unidos e seu posto de principal potência econômica mundial.

Apesar do iminente avanço do país no século XXI, a China vinha tentando se consolidar no mercado desde o final da Segunda Guerra Mundial, no governo do primeiro presidente chinês, Mao Tsé-Tung (1949-1978), em uma série de políticas mal-sucedidas que só pioraram a situação. O começo de tudo foi realmente no governo de Deng Xiaoping, iniciado em 1978, após a morte de Tsé-Tung, quando a China começou a se aproximar mais do resto do globo e participar de instituições internacionais. Deng incentivou a mecanização da agricultura, realizou a liberalização de preços e a descentralização fiscal e disponibilizou investimentos para energia elétrica. Tudo isso resultou na ida do PIB chinês de US\$150 bilhões, em 1978, aos US\$ 14,72 trilhões alcançados no ano de 2020, além da ampla urbanização, crescimento do poder econômico e industrialização no país.

Tudo isso compõe a “ascensão pacífica da China”, que significa o crescimento econômico sem grandes conflitos com outros Estados. No entanto, nos últimos anos, a tensão entre China e EUA vem se intensificando cada vez mais, já que à medida que o expansionista país asiático cresce em influência, poder econômico, militar e tecnológico, sua ameaça à egocêntrica potência norte-americana aumenta, levando a prometida passividade à uma possível guerra fria.

Essa crescente rivalidade entre as nações do eixo central da economia global levou os Estados Unidos a uma parceria com a Austrália e o Reino Unido, no acordo militar AUKUS (junção das siglas AU, UK e US, que representam a Austrália, o Reino Unido e os Estados Unidos, respectivamente), uma união com o intuito de “promover a segurança e a prosperidade” na região do Indo-Pacífico (que inclui os oceanos Índico e Pacífico), segundo declarado pelos representantes dos países participantes. No entanto, é eminente que a parceria tem como principal preocupação o crescente poder militar da China que cada vez se torna mais presente na região, ainda mais tendo em vista as disputas territoriais do governo chinês nas áreas em questão, como o Mar da China Meridional.

Segundo analistas do setor de defesa e proteção, a união é o maior acordo de segurança entre três nações desde a Segunda Guerra Mundial. A aliança permitirá que a Austrália use a tecnologia americana para a produção de submarinos de propulsão nuclear, além do compartilhamento das capacidades cibernéticas, inteligência artificial, tecnologia quântica e outras tecnologias submarinas das nações. Em resposta, a embaixada da China em Washington afirmou que o acordo é irresponsável, afeta seriamente a instabilidade regional e intensifica a corrida armamentista. Um porta-voz da embaixada disse que as nações “não deveriam construir blocos de exclusão”.

Em muitas questões a rivalidade entre o país asiático e a nação norte americana está fazendo a possibilidade de uma guerra fria cada vez mais presente. As tentativas de mascarar a tensão iminente entre as duas nações chega a ser cômica, enquanto as decisões tomadas em relação a este não tão silencioso atrito caminham cada vez mais a um futuro não tão sutilmente conflituoso.

Por Ana Beatriz Fernandes Alves

## Implicações políticas da nova ascensão do Talibã

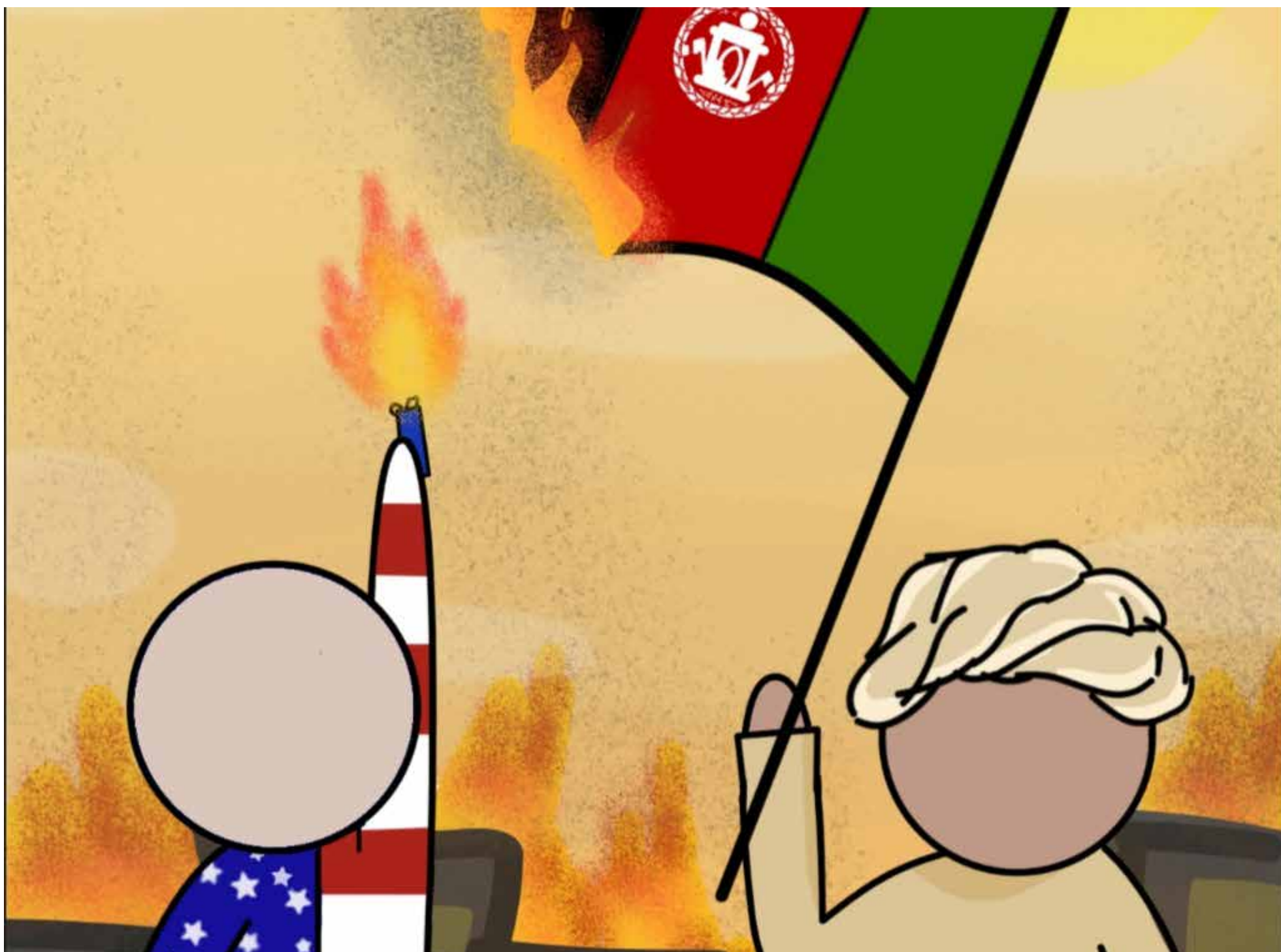


Ilustração por [@s4cra\\_ment0](#)

Com a atual tomada do Afeganistão pelo Talibã é visível uma onda de preocupações tomando frente nas ações de diversos cidadãos do mundo inteiro e, principalmente, nas políticas internacionais, de modo que as consequências afetam o mundo todo.

A guerra se mantém ao longo de 20 anos entre Estados Unidos e Talibã, que fora alvo de US\$2 trilhões, além de causar a morte de mais de 2.300 militares americanos, no mínimo 1.100 soldados aliados e mais de 47 mil cidadãos afegãos. Desde a retirada das tropas americanas do Afeganistão, o Talibã vem tomando incessantemente e muito rapidamente territórios.

Guerra essa que começou após os ataques às torres gêmeas, em Nova York, no dia 11 de setembro de 2001, e teve como intuito combater o grupo terrorista Al Qaeda, de Osama Bin Laden e impedir que ele retomasse o poder. O atual presidente dos EUA decidiu continuar com o acordo com o Talibã, que foi feito em fevereiro de 2020, no mandato do ex-presidente Donald Trump, no qual já havia diminuído bruscamente a quantidade de tropas no país.

O Talibã é um grupo fundamentalista que surgiu em 1994 e que passou a governar o Afeganistão de 1996 a 2001. Durante esse regime, eles criaram um dos governos mais cruéis já vistos, o qual foi palco de

milhares de execuções que aconteciam diariamente. Mesmo com as tropas americanas tentando extinguir grupos terroristas do local, eles apenas se retraíram, nunca deixando de existir.

Quanto à relação dos dois governos, o atual presidente da Casa Branca afirma que o Talibã cooperou com a retirada das tropas, porém, no dia 26 de agosto, 13 militares americanos e diversos civis afegãos foram mortos em um atentado suicida por conta de uma falha de segurança no perímetro do aeroporto, que estaria sob responsabilidade do Talibã. Ainda assim, a Casa Branca caracteriza seu relacionamento com o Talibã como “pragmático”.

Esse contexto geral afeta diretamente o mundo todo, gerando uma grande implicação política, de modo que a China aproveita para se estabelecer como a nova grande potência na região e toma providências para se aproximar do novo governo afegão, com interesses econômicos e de segurança. Com a retirada dos Estados Unidos, as empresas chinesas se encontram em uma posição favorável para explorar os recursos clandestinos do Afeganistão, incluindo os escassos elementos usados em microchips e outras novas tecnologias. Especialistas americanos supõem o valor dos recursos subterrâneos do Afeganistão em

US\$ 1 trilhão. O governo afegão estima que isso seja três vezes maior, mas a China's Global Times noticiou, em 24 de agosto, que as empresas chinesas ainda estavam assumindo riscos políticos e de segurança levemente.

O secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, alertou na terça-feira sobre uma “catástrofe humanitária” no Afeganistão. Ele também pediu financiamento para ajudar o país. Ademais, afirmou em um comunicado, que a crise humanitária e econômica no Afeganistão “se intensificou” e ainda acrescentou que existe o risco de um “colapso total” dos serviços básicos no país. “O povo do Afeganistão está passando pelo período ‘mais negro’ da história de seu país”, disse, em parte. Tal preocupação é alarmante, pois começa a se transformar em uma nova crise de refugiados, muitas passagens estão fechadas e a quantidade destes tende a aumentar.

Portanto, é possível notar uma iminência de acontecimentos catastróficos girando em torno das maiores potências mundiais, além de possíveis crises em nível global, com uma escalada ainda maior de ameaças terroristas e com um futuro cada dia mais imprevisível.

Por Grazielly Castilho Guimarães



# Os três poderes - Judiciário

Estamos na reta final dos 3 Poderes, espero que todos estejam gostando!

Entre os séculos XVII e XVIII, o teórico John Locke percebeu a necessidade da visão no poder político. Algumas décadas depois, Charles Montesquieu se baseou em John Locke e Aristóteles para criar a obra "O Espírito das Leis". Nesse livro, o pensador criou a teoria dos três poderes, que divide o poder antes regido por um rei ou imperador em três, assim podendo solucionar as falhas do regime absolutista. No livro, Montesquieu aponta que os três poderes, Legislativo, Executivo e Judiciário, deveriam se equilibrar entre a autonomia e a intervenção; quando um poder estiver autoritário ou for além de suas obrigações, os demais poderão interferir e colocar tudo em seu devido lugar. Os poderes criados podem ter variações de funções de acordo com o país.

## No Brasil, o Poder Judiciário:

Logo que falamos no Poder Judiciário, deve vir à sua cabeça a desordem do STF ou juízes e advogados. Pensar assim não está errado, mas não é toda a verdade e sim só uma parte dela. O Poder Judiciário é formado por 7 órgãos:

Art. 92 – São órgãos do Poder Judiciário:

- I - O Supremo Tribunal Federal;
- I - A: O Conselho Nacional de Justiça;
- II: O Superior Tribunal de Justiça;
- II - A: O Tribunal Superior do Trabalho;
- III: Os Tribunais Regionais Federais e Juízes Federais;
- IV: Os Tribunais e Juízes do Trabalho;
- V: Os Tribunais e Juízes Eleitorais;
- VI: Os Tribunais e Juízes Militares;
- VII: Os Tribunais e juízes dos Estados e do Distrito Federal e Territórios.

Cada uma delas tem suas funções definidas que vão de julgar políticos por foro privilegiado, corrupção com a justiça especializada - Justiça Especializada é constituída pela Justiça do Trabalho, Justiça Eleitoral e Justiça Militar-, até crimes leves como furtos pequenos com a justiça comum – a Justiça Comum é



Ilustração por @s4cra\_ment0

composta pela Justiça Federal e Justiça Estadual.

O tão conhecido Supremo Tribunal Federal (STF), que hoje em dia se tornou popular, mas poucos sabem o que realmente deveria acontecer nele, já que tudo o que vemos é uma desordem, tem como uma de suas principais funções guardar a Constituição Federal e julgar ações inadequadas de políticos.

O Conselho Nacional de Justiça é responsável pela administração financeira, pelo planejamento estratégico do judiciário e pela fiscalização da conduta dos magistrados.

Acredito que poucos saibam o real motivo desse órgão, o "Superior Tribunal de Justiça" (STJ). Ele tem como função padronizar a aplicação e a interpretação da lei.

Na Justiça Estadual está a Justiça Comum, a qual tem como atribuição o dever de julgar crimes que não dizem respeito a Justiça Especializada. Criando as 1º e 2º instâncias, são populares em jornais e noticiários, mas não vejo nenhum incentivo do governo

e do Ministério da Educação para divulgar o conhecimento sobre os 3 poderes e suas funções.

Perceberam que algo que está sempre sendo repetido é a "tentativa de manter a imparcialidade nesse órgão"? Se o poder que julga deixar de julgar conforme as leis, qual o sentido de segui-las? O que impediria a anarquia no país? Esse é o pensamento que quero deixar com todos os leitores.

Conforme a breve explicação feita acima, espero que tenham conseguido entender as principais funções do Judiciário e de seus órgãos. Alguns deles a maioria conhece pelo nome mas não tenta aprender sobre ele, o que torna cada vez menos viável manter a imparcialidade nos Poderes. Concluo que é necessário que a população saiba sobre a história política e constitucional do país, não só para ter conhecimento superior e, sim, para tirar o país da lama - que é o estado que nos encontramos no momento.

Por Luan Gabriel Alves do Nascimento

# A erupção do Vulcão em La Palma

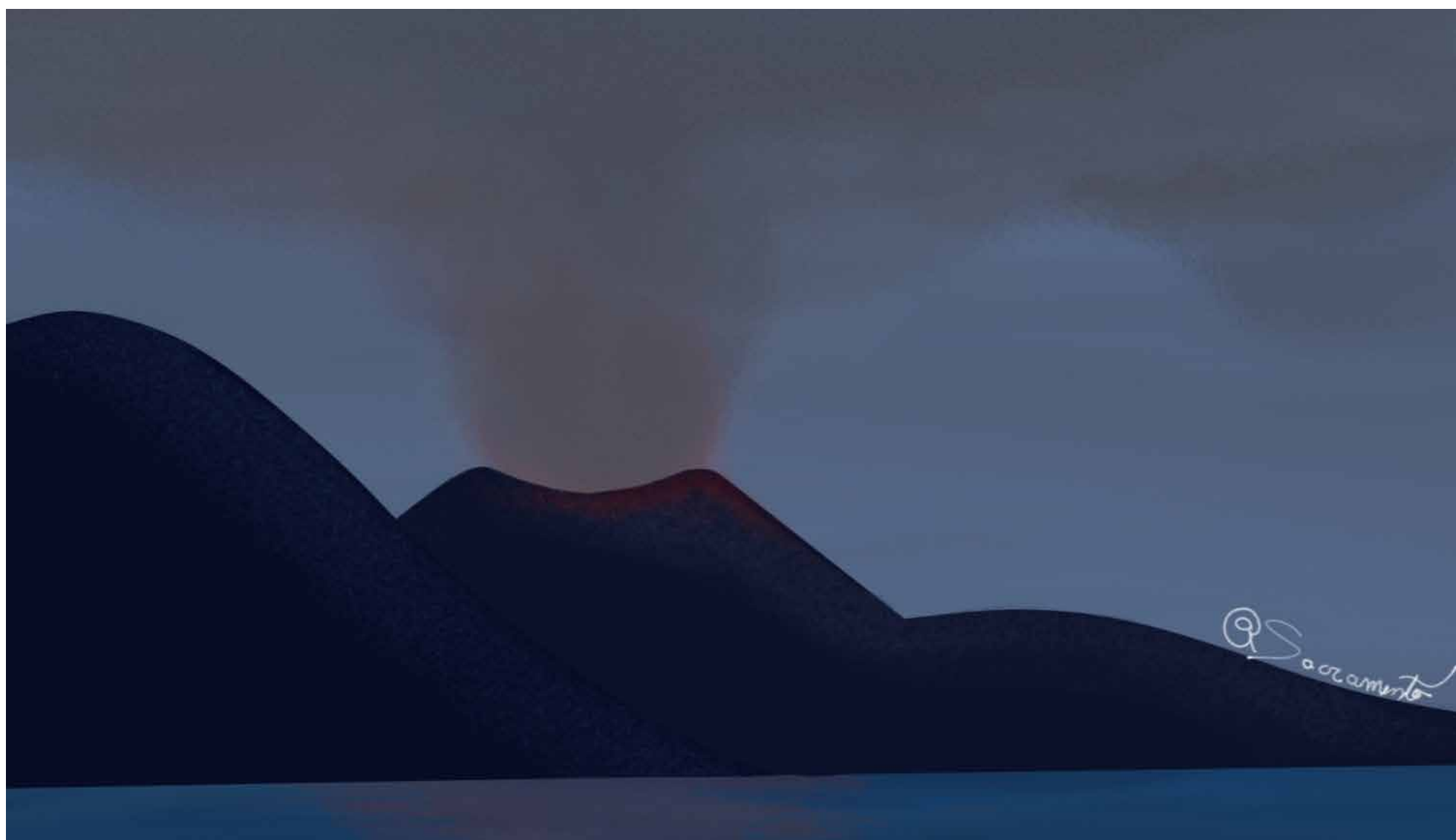


Ilustração por @s4cra\_ment0

A expulsão de lava começou nas Ilhas Canárias às 15h12 do domingo, 19 de setembro, em Montaña Rajada, La Palma, no noroeste da África. Um pequeno terremoto precedeu a erupção do vulcão Cumbre Vieja. Em seguida, ocorreu a explosão. A atividade do vulcão "continua ser intensa" e uma nova cratera foi descoberta no sábado, 2 de outubro. "Não parece ainda que vai acabar, por conta dos milhões de metros cúbicos de lava que o vulcão está despejando", disse o presidente das Ilhas Canárias, Ángel Víctor Torres, em uma entrevista coletiva, no domingo 3 de

outubro. E, segundo o presidente, o Cumbre Vieja já lançou três vezes mais lava, cinzas e rochas agora do que na última grande erupção, em 1971. A instituição das Ilhas Canárias que tem monitorado o Vulcão Cumbre Vieja desde setembro adianta que o conhecimento dos níveis de emissões de CO2 permite estimar em 35 milhões de metros cúbicos o volume de magma liberado pelo vulcão.

Mais de mil casas e 30 quilômetros de estradas foram destruídos pelo rio de lava que alcançou o mar na noite de terça-feira, 28 de setembro. Plantações

de banana, fonte de renda de muitos moradores da Ilha, também foram destruídas pelas cinzas vulcânicas. As emissões anteriores do vulcão também enviaram nuvens de vapor, fumaça e gases tóxicos para o céu, forçando os residentes a se isolarem. O Primeiro-Ministro da Espanha, Pedro Sanchez, prometeu mais de 238 milhões de dólares (equivalente a mais de 1 milhão de reais) em ajuda a Ilha.

Por Isabelli Vitória Santos da Silva

# O Brasil das crises: energética e ambiental

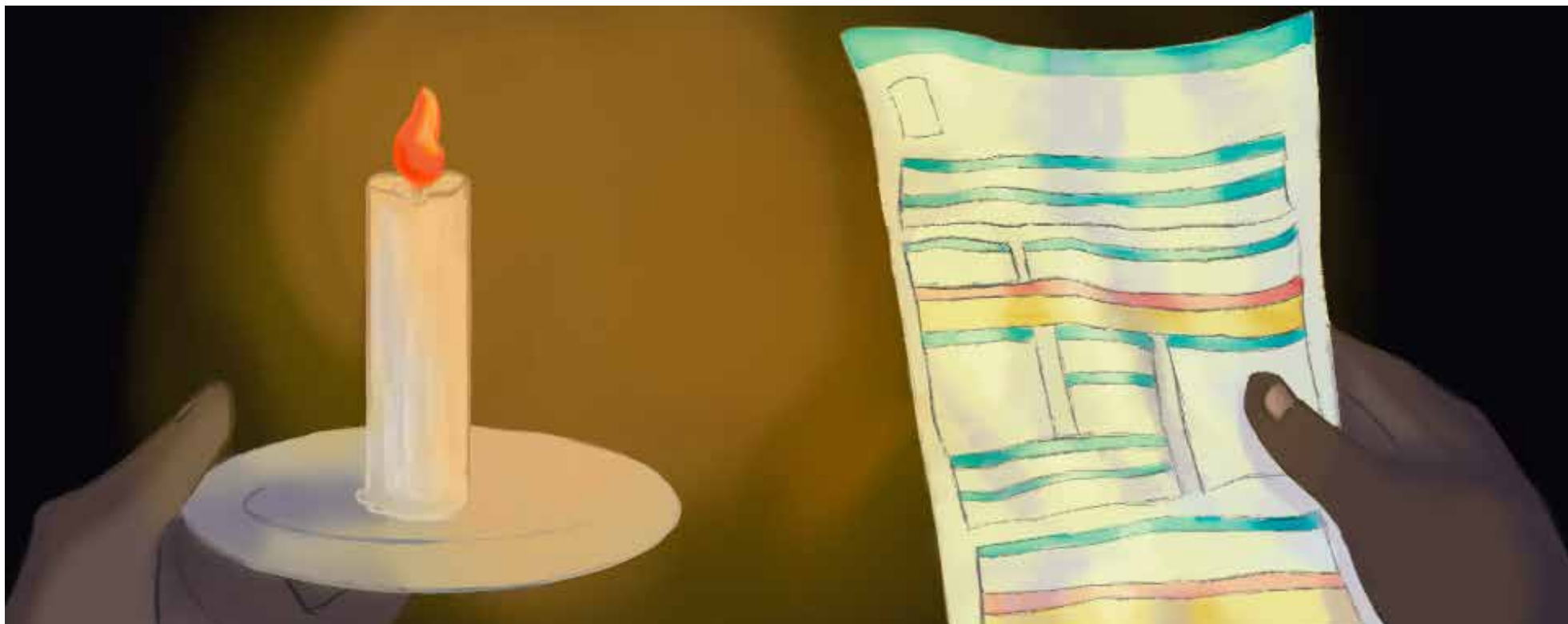


Ilustração por Viviane de Assis Laurentino dos Santos

O ano de 2021 trouxe dificuldades econômicas, diplomáticas e sociais ao Brasil, mas o segundo semestre revelou outro problema que agravou ainda mais todos os outros setores nacionais: a crise energética, de raízes estruturais, revoltou o consumidor e apontou falhas no planejamento governamental que rege as usinas hidrelétricas.

Para compreender uma das fontes dessa situação, devemos tornar os olhos à região central, que abriga grande parte das nascentes de rios que abastecem as produtoras de energia. A Bacia do Paraná (Itaipú), do Tocantins Araguaia (Tucuruí), parte do Velho Chico e algumas ramificações de rios amazônicos é dirigida pela sazonalidade das chuvas, ou seja, pela época de pluviosidade do verão, a qual é responsável pelo mantimento das funções hidrelétricas durante os períodos secos invernosos. As estações mais frias são, portanto, recorrentes motivos de preocupação por serem naturalmente mais secas. O quesito antrópico, porém, prejudicou esse quadro: em um levantamento feito pelo MapBiomas, há a tendência de redução de 12 para 8 bacias hidrográficas por causa da forma de ocupação e uso do território nacional, que se baseia na agricultura e pecuária, setores que necessitam de abundantes recursos físicos. No Cerrado, por exem-

plo, as raízes de plantas endêmicas promoviam a infiltração de água, auxiliavam reservatórios subterrâneos e faziam a manutenção da vazão dos rios. Com o desmatamento predatório para plantio, no entanto, o volume dos depósitos aquíferos consequentemente diminuiu. O mesmo acontece em diversas outras zonas brasileiras, que, ao serem exploradas agressivamente, provocam um abalo nos pilares energéticos do país.

O encolhimento da Floresta Amazônica também tem sua grande parcela de contribuição, pois, sendo ela responsável por grandes massas úmidas que vêm na direção sul, sua retração reduz o processo de evapotranspiração e de formação de rios voadores, responsáveis pelos altos níveis de pluviosidade da Região Sudeste. De modo intrínseco, o fenômeno imprevisível “La Niña” provoca um resfriamento no Oceano Pacífico, implicando na menor transpiração das matas e no menor índice de chuvas.

Sobre todos esses problemas, encontra-se o erro no planejamento governamental. O Brasil, apesar de ser rico em recursos renováveis de energia, é extremamente dependente da produção hidrelétrica – que é mais barata – e, dessa forma, está à mercê do volume dos rios. Com a diminuição dos reservatórios, há o estabelecimento de uma bandeira tarifária mais cara,

a amarela e a vermelha, para frear o gasto energético, e o acionamento de usinas termoelétricas a carvão para compensar a geração reduzida das usinas movidas pela água, que são muito mais onerosas para o consumidor e causam um impacto ambiental maior. A falta de investimento em produção eólica e fotovoltaica, que aproveitaria a abundância de ventos e incidência de raios solares, também demonstra o não domínio tecnológico do Brasil e sua recorrente recusa no uso de energias mais limpas.

O risco de racionamento de energia e de apagões são reais, mas os impactos causados pela crise vão muito além: o encarecimento da eletricidade pode causar uma queda na atividade industrial, o que põe o lucro empresarial em cheque e desestabiliza o número de empregados. Menos produtos acarretam o aumento de preços, maiores despesas para o trabalhador e uma redução no seu poder de compra.

Ao concordar de maneira inconsciente com políticas de gestão que predam o patrimônio natural brasileiro, estamos implicando a mineração da nossa própria sobrevivência; o ano eleitoral de 2022 será decisivo para o futuro. O que você vai fazer?

Por Júlia Pereira Wong

## Poluição Atmosférica

A poluição atmosférica se refere a grandes quantidades de substâncias que se misturam na atmosfera, as quais vêm, geralmente, de veículos ou fábricas, podendo se tornar um grande problema, porque dificulta a respiração, e causar doenças até mesmo a bebês que ainda estão em gestação, caso a grávida for exposta a uma grande quantidade de ar poluente.

Em 2017, um brasileiro comprovou isso fazendo um estudo em um camundongo que estava em gestação, deixando o animal em exposição a poluição atmosférica antes e durante a gravidez, o que alterou a placenta e causou distúrbios no sistema hormonal (que controla a troca de nutrientes entre a mãe e o bebê).

Isto foi exatamente o que aconteceu em um caso em Cubatão durante a década de 50, quando Juscelino Kubitschek estava no poder. A cidade ficou conhecida como “o Vale da Morte” devido a sua grande poluição atmosférica causada pelo enorme aumento na produção das fabricas, o qual fez o município ficar conhecido como um dos polos industriais mais ricos do país. E os resultados dessa grande poluição foram catastróficas: o ar que circulava em Cubatão possuía cor e cheiro, segundo a CETESB (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental de São Paulo). Eram estimadas 30 mil toneladas de poluentes lançados por mês no ar da cidade. Cerca de 1800 crianças nasceram no período de 1981 de 1982, e, destas, 37 já nasceram mortas e as outras apresentavam graves problemas neurológicos e anencefalia (que é uma doença na qual não se desenvolvem corretamente o cérebro e o crânio do bebê).

O painel intergovernamental de mudanças climáticas (IPCC), que é um órgão ligado às Nações Unidas, divulgou um relatório mostrando que podem acontecer vários impactos ambientais devido ao aquecimento global se medidas contra o aumento da temperatura do planeta não forem adotadas. Um desses impactos, no Brasil, seria em vários pontos da Amazonia, semi-árido nordestino e em regiões litorâneas. E de acordo



A poluição atmosférica é um dos principais problemas modernos, causado especialmente pelas indústrias.

[Foto Anatoliy Shostak/Unsplash](#)

com esse relatório é mostrado que esses riscos não estão longe de acontecer e a tendência é só piorar.

A uma prova disso, é que a poluição do ar na capital paulista teve um aumento de 44% em agosto deste ano (comparando com os anos de 2019 e 2020). Este levantamento foi feito no dia 26 de setembro pelo Instituto da Astronomia, Geofísica e Ciências da USP. Os motivos são:

- Aumento nas partículas inaláveis, que passaram de 18  $\mu\text{g}/\text{m}^3$  para 26  $\mu\text{g}/\text{m}^3$  nesses últimos dois anos;
- Concentração de Ozônio, que é um gás que se forma na atmosfera devido à queima de combustível fóssil ou queima da mata.

As causas da poluição são um conjunto de fatores,

de acordo com Maria de Fatima Andrade, que atua como professora no departamento de ciências atmosféricas da USP. “Em agosto tivemos o aumento das queimadas, o tempo seco e a reabertura da cidade, que gerou maior trânsito de veículos”, disse Maria Fatima.

Contudo, todas as informações citadas são apenas alguns poucos exemplos que acontecem no Brasil. Existem outros milhares de exemplos no mundo todo, e a qualidade do ar que respiramos só vem caindo.

Cabe a cada um de nós se conscientizar, sabendo do risco que nosso planeta corre e tendo em mãos a melhora da nossa qualidade de vida através de tantos estudos, relatos e casos já existentes, por isso devemos fazer a nossa parte e cuidar melhor do nosso planeta.

Por Matheus dos Santos Banhiuk



## Senso crítico, narradores não confiáveis e anti-heróis

Sabemos que o maior poder que temos é a autonomia em relação às nossas narrativas, mas será que todos os narradores são tão confiáveis quanto dizem ser?

Não é surpresa para ninguém que a popularização da mídia televisiva serviu como “cultural reset” (termo do inglês que representa acontecimentos culturais que reformularam a perspectiva geral) em diversos aspectos, desde a moda até como dissecamos nossas experiências pessoais, usando de exemplo situações baseadas na realidade vividas por personagens fictícios como, de certa forma, um guia de comportamento humano, mesmo que subconscientemente, e é por isso que quando se trata de expressar essas experiências deve haver grande responsabilidade.

Internalizamos o que consumimos desde cedo e, dependendo desse conteúdo, vem a base da nossa visão de mundo. Se não há representatividade o suficiente para diferentes caminhos de vida, assim acharemos que as nossas escolhas são limitadas. Há quem use essa vulnerabilidade de forma manipuladora, com estereótipos direcionados a grupos específicos como tentativa de invalidar suas conquistas e experiências. O termo “narrador não confiável” (unreliable narrator), normalmente utilizado na literatura, refere-se justamente a quem conta uma história comprometida, divergindo dos fatos. Há quem diga que todos os narradores não são completamente confiáveis, o que é um ponto válido, já que as nossas narrativas são influenciadas pelo nosso ponto de vista e memória, mas o verdadeiro problema mora em quem proposi-

talmente altera os fatos para se encaixar nessa realidade fabricada. Grandes escritores fizeram uso dessa fórmula em suas obras, criando personagens que contam suas histórias de um jeito duvidoso quando são considerados os fatos, fazendo com que o leitor desenvolva um senso crítico essencial quando se trata do consumo de qualquer mídia, seja ela televisiva ou escrita.

Com a repercussão das redes sociais, nunca foi tão fácil liberar conteúdo, fator que pode ser visto de forma positiva quando são consideradas todas as pessoas que foram apresentadas com uma voz por essas plataformas, pessoas que em outras épocas não teriam a mesma oportunidade de expressar seus talentos e posicionamentos, trazendo novas camadas para discussões já existentes, ou abrindo espaço para tópicos completamente novos e não explorados. Realizando o contraponto das ideias apresentadas, também nunca foi tão fácil se alienar, visto que com os algoritmos personalizados, quem já se rodeava de crenças enraizadas e talvez ofensivas agora tem uma probabilidade muito menor de ser exposto a diferentes ideologias, solidificando uma bolha que incapacita ainda mais o olhar empático para vivências alheias.

Nunca seríamos capazes de expressar todas as complexidades de ser um humano com um só ponto de vista, por isso é importante abrir espaço para que novos personagens entrem em jogo. Na Era Moderna do entretenimento, anti-heróis têm dominado a cena, protagonistas carismáticos com passados sombrios e

até traumáticos, ou escolhas duvidosas, que nos fazem reconsiderar nossas próprias morais, ou nos identificar com sua humanidade até quando não enxergamos traços de humanidade ali identificados, seguindo-os pelas suas jornadas de reconciliação e superação de traumas sofridos, mesmo que em alguns momentos sem sucesso. Diferente dos heróis do passado que passavam um senso de perfeição inalcançável, anti-heróis seguem uma linha oposta, acompanhamos esse personagem já falho na tentativa de melhorar e quebrar o ciclo que o levou até onde está, mas sem que nos assimilamos a ele, já que suas características não são das mais exemplares ou invejáveis. É justamente por isso que eles se tornam tão necessários, como um espelho das partes de nós que tentamos esquecer, obrigando-nos a reavaliá-las e evoluir por tabela.

Por mais importante que seja sempre possibilitar o direito de expressão, devemos manter em mente que nem todos que se expressam têm as melhores intenções, por isso exercitar o senso crítico torna-se essencial. Devemos todos ser conscientes do conteúdo que consumimos, já que assim como ele pode abrir portas para autoconhecimento e evolução pessoal, ele também pode apenas capacitar para que os mesmos erros continuem sendo cometidos. Novas histórias devem continuar sendo contadas a fim de que, com esse desejo de responsabilidade social no horizonte, uma geração mais empática seja moldada.

Por Raquel de Carvalho Tavares

## Nem mesmo robôs virtuais escapam do machismo



As atitudes misóginas contra assistentes virtuais revelam problemas estruturais.

Imagem: [Gerd Altmann/Pixabay](#)

Com o crescimento exponencial do uso da internet, tecnologias como Assistentes Virtuais e ChatBots (robôs virtuais que simulam conversa humana) estão sendo cada vez mais utilizadas, seja para tarefas simples, como pedir uma pizza, até as mais complexas, tudo direto do seu smartphone ou computador. De acordo com a Drift, empresa norte-americana de Marketing e Vendas, ChatBots cresceram 92% desde 2019 e previsões apontam que em 2024, o número de assistentes por voz ultrapassará o de pessoas no mundo, chegando a mais de 8 bilhões, segundo o site Statista.com. Seria uma maneira perfeita de otimizar seu tempo e simplificar o cotidiano, mas algo sempre tem de dar errado...

É inegável a presença da misoginia em nossa sociedade (sim, a mesma conversa de sempre, mas o que podemos fazer se nada muda?) é tão recorrente que muitos homens (majoritariamente) não têm nem receio mais de xingar mulheres e, no mundo virtual, não é diferente. A Bia, assistente virtual do Bradesco, registrou mais de 94 mil mensagens com teor de qualquer tipo de violência em 2020. Além disso, o fato da maioria esmagadora desses robôs remeterem à uma imagem feminina reafirma - segundo a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) no estudo “I’d blush if I could” - estereótipos sexistas ao colocá-los numa posição de constante subserviência. Muitas tenta-

tivas de justificativas foram dadas, como “Vozes agudas são mais fáceis de se escutar com barulhos de fundo”, entretanto o website de tecnologia e ciência Gizmodo fez um artigo desmentindo várias delas. Ademais, Jessi Hempel, escritora sênior da revista norte-americana Wired escreveu que, para Clifford Nass, finado sublime professor da Universidade Stanford, as pessoas tendem a perceber vozes femininas como apenas ajudantes para resolvermos problemas sós, enquanto as masculinas soam autoritárias demais: “Queremos que a tecnologia nos ajude, mas queremos ser os chefes disso, por isso optamos por interfaces femininas”, em tradução livre.

Uma outra coisa preocupante é como essas assistentes respondem a esses assédios. Apesar do conteúdo deles ser bastante pesado, as respostas geralmente não costumam fugir de piadas ou algo passivo ou positivo (às vezes chegando até a agradecer o agressor), possibilitando a transmissão da ideia de que a vítima está gostando e perpetuar aquilo que os abusadores gostam de falar: “[...] ela não disse não”.

Visando resolver esses problemas, campanhas foram iniciadas, como a #HeyUpdateMyVoice, parceria da agência de publicidade SunsetDDB com a Unesco. Nesse site, pode-se gravar um áudio de até 15 segundos com sugestões de respostas para perguntas embaraçosas direcionadas aos robôs. Segundo Valéria Vieira,

fundadora da Langue, empresa criadora da inteligência artificial E-cacto: “Nós precisávamos tomar cuidado até com os emojis escolhidos para responder, porque se enviava um beijinho ou uma carinha com coração, alguns usuários entendiam que ela estava flertando, então eles devolviam.” (trecho retirado do site [jornal.usp.br](#)). Respondendo de forma mais dura, o resultado será provavelmente melhor, ao desencorajar o ofensor a continuar o ato. Outra ideia que pode funcionar é a adoção de uma voz neutra, tirando o gênero das assistentes, como faz o projeto Q, parceria entre a Virtue Nordic, Copenhagen Pride e Equal El. Também, diversificar as equipes criadoras dessas AI, que atualmente são predominantemente masculinas (representam 90% delas de acordo com a Unesco), faz com que os interesses diversos formem assistentes com atitudes que agradem a todos.

Se preocupar com tratamento que os robôs virtuais recebem pode parecer desnecessário, mas é importante lembrar que ele é apenas o reflexo de nossa sociedade. Todos sofrem diariamente com o machismo estrutural, então devemos ficar atentos e desconstruí-lo ao máximo para vivermos num ambiente cada vez mais justo e tolerável.

Por Kaique Apolinário da Silva



# O Dia Internacional da Música

É um fato que a primeira comemoração que lembramos quando falamos sobre o mês de outubro é o “Outubro Rosa”. Datado de 1 a 31 do mesmo mês, tem o intuito de conscientizar e alertar as mulheres e a sociedade sobre o diagnóstico antecipado do câncer de mama, doença resultante de uma má formação de células mamárias. Felizmente tem uma cura, mas dependendo do estágio de crescimento do tumor, pode deixar marcas irreversíveis.

Obviamente seria uma ótima pauta para se falar, no entanto, acredito que muitos jovens, jornalistas e até vítimas da doença fizeram matérias tão esclarecedoras quanto a que eu poderia fazer nesse instante, por isso, creio que poderíamos falar um pouco mais sobre outras datas comemorativas desse mês, nesse caso, o Dia Internacional da Música.

Sim, a Música! É evidente que não podemos ca-

tegorizar a importância dessa data com a citada anteriormente, porém, acredito que mesmo assim podemos conhecer e falar um pouco sobre ela, uma das muitas formas de expressão e aprendizado sobre a nossa própria história.

Acredita-se que a primeira melodia que ouvimos, antes até do nosso nascimento, seria a dos nossos próprios batimentos cardíacos, se notarmos com calma, até os sons cotidianos podem produzir alguma sinfonia.

A palavra “música” tem origem da palavra grega “musiké téchn”, que significa “arte das musas”. A música tem origem desde os primórdios da humanidade, sendo usada principalmente para o cunho religioso. Com o passar dos tempos, pôde ser agregada ao divertimento e entretenimento de muitos povos.

A origem da comemoração em si foi criada pelo

International Music Council, criado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 1949. Porém, a data 1º de outubro foi implantada apenas em 1975, com o intuito de promover e dar acesso à música aos diversos setores da sociedade como forma de paz e união mundial.

Não é de hoje que sabemos o poder que a música tem, mesmo tendo suas variações são elas que diversificam e enriquecem a produção de mais gêneros musicais. Com ela podemos conhecer a cultura; a religião; o comportamento; a história de cada sociedade; com ela pode-se conhecer não só sobre si, mas sobre os outros, como uma linguagem universal que conduz nosso humor e nosso estado de espírito a sentimentos resplandecentes, do nosso interior para o exterior.

Por Estephani Oliveira Rodrigues

## Sobre Netflix x HBO no Emmy Awards 2021

No dia 19 de setembro ocorreu o Emmy 2021, que marcou a disputa entre Netflix e HBO, com 129 contra 130 indicações. Era de se esperar mais premiações entre as duas. A HBO tem o costume de ganhar mais prêmios, pois sempre foi modelo de qualidade em séries, mas nessa edição a Netflix conseguiu surpreender.

The Crown levou vários dos prêmios, incluindo Melhor Série de Drama. O Gambito da Rainha foi a melhor minissérie e vários atores como Ewan McGregor ganharam.

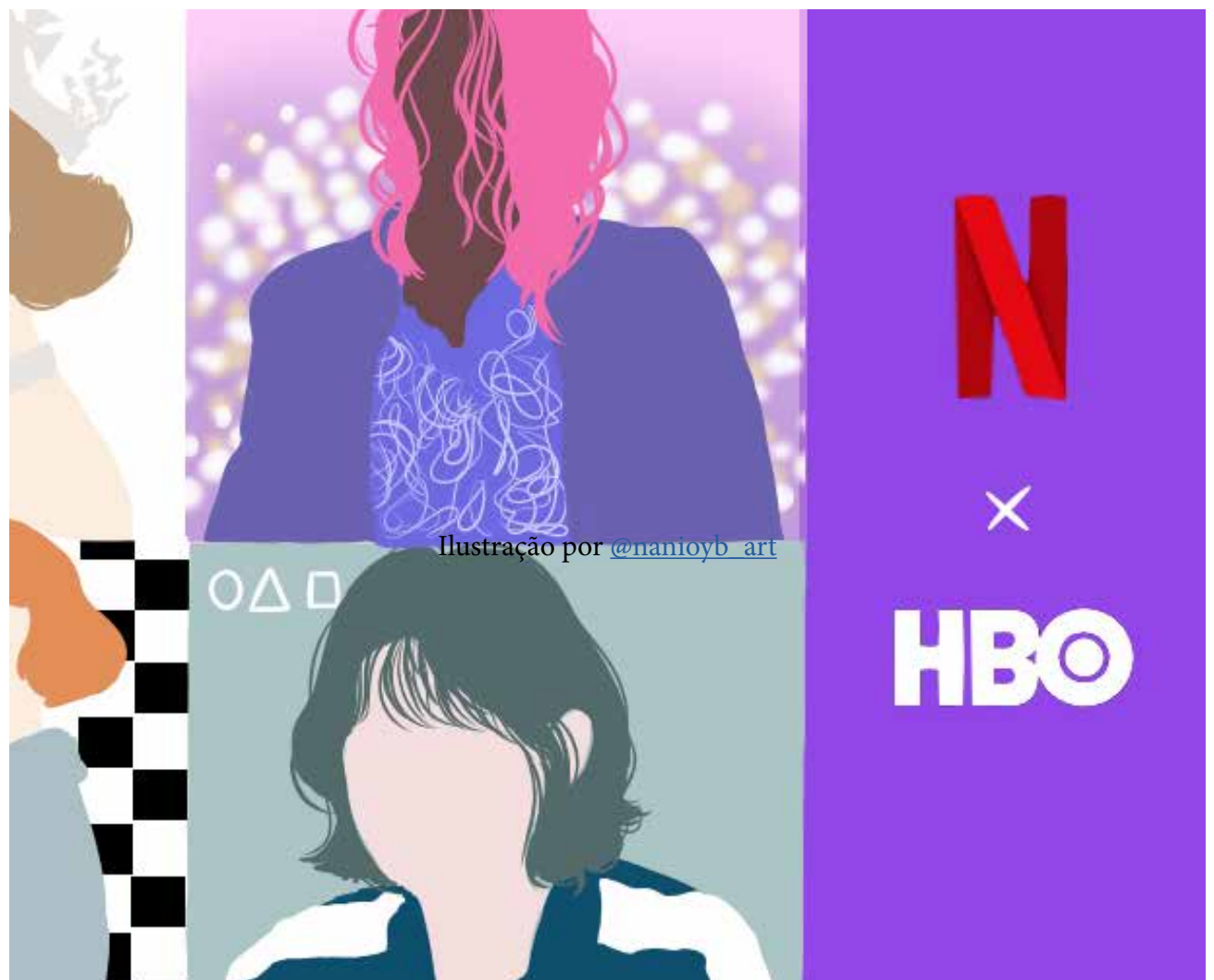
Estamos em momento de mudança, afinal, os streamings não param de crescer, e essa reviravolta da Netflix nos mostra que as plataformas podem competir com o cinema “de verdade”.

Mas é claro que a HBO não ficou atrás. Kate Winslet ganhou como melhor atriz na série Mare of Easttown; além do melhor roteiro de minissérie, que foi para I May Destroy You.

Por mais que outras produtoras tenham ganhado prêmios, como a Apple TV e Amazon, é fato que por enquanto é impossível superar as duas gigantes. A disputa atual se mantém apenas entre as duas.

Acredito e confio no potencial da Netflix de mostrar a todos o poder do streaming, afinal, muitas ideias novas aparecem por lá. O melhor exemplo é o recente sucesso, Round 6 que tem sua identidade própria, fato menos comum de se ver em séries feitas para TV. Seja por questão de público ou horários, é claro que isso não é regra, mas ao passar na grade de shows da Netflix e da HBO, é possível observar que a Netflix tem muito mais séries “diferentonas”. Isso dá mais espaço para ideias mais criativas; mas não podemos levar como regra; a HBO tem várias séries com ideias genuinamente boas como: Rick and Morty, Euphoria e Watchmen.

Por mais que a HBO tenha o serviço de streaming HBO Max, ainda sim produzem muito mais conteúdo para a TV, que, em alguns casos, é posteriormente levado para o streaming, por exemplo as séries da



Warner e CW.

Com isso, concluo que a ascensão dos Streamings e avanço da Netflix em séries renomadas está mudando a maneira como assistimos TV e é pra ficar. A Netflix por ser a pioneira, “puxou” vários outros serviços: Amazon Prime Video, Disney+ e a própria HBO Max.

Com base não apenas em mim, mas em amigos e conhecidos, eu diria que a Netflix anda superando a HBO. The Crown e The Queen’s Gambit são excelen-

tes, Round 6 é muito boa, Alice in Borderland é ótima, além de muitas outras séries.

Mas é claro, para ter uma experiência completa e única, o melhor a se fazer é, caso tenha condições, assinar os dois serviços. Tanto Netflix quanto HBO Max.

O cenário das séries nunca esteve tão diverso e único como atualmente.

Por Gustavo Mendes Cappi

## Por que se leva o nome descobrimento do Brasil e não invasão deste?

Para responder essa pergunta, podemos começar perguntando: por que, de todos os países e estados da Europa, Portugal foi o primeiro a chegar ao Brasil? Por que não a Espanha? Ou então a França? A resposta é fácil; enquanto colônias brigavam entre si por causa de diversas ocorrências, Portugal já havia se consubstanciado devido ao fato de que já havia se sucedido uma revolução, esta chamada “Revolução de Avis”. Tal situação favoreceu que as navegações portuguesas tivessem êxito em “descobrir” lugares do mundo. Ainda há muitos outros exemplos, como a tecnologia avançada de Portugal que deu aos portugueses a oportunidade de construir naus, caravelas (e etc), as quais os auxiliaram a marear com mais longitude. E também, suas anteriores experiências com navegações fizeram deles peritos.

Vamos derrubar o paradigma de que o Brasil era desconhecido por outros estados, países e colônias. É óbvio que Portugal já sabia da existência do Brasil! E aqui vai mais uma curiosidade: muitos navegantes passavam pelo estado de Maranhão e também por suas cidades, porém, apenas em (provavelmente) 22

de março os navegantes foram mandados formalmente para o Brasil, entretanto, chegamos novamente a outra indagação: “Na verdade, foi proposital e não acidental a chegada de Portugal ao Brasil?”. Não se sabe realmente ao certo, mas continua sendo muito provável a chegada proposital de Portugal ao Brasil devido o imenso desvio de reta entre a África para chegar na Índia.

Agora, depois de sabermos as circunstâncias da chegada de Portugal ao Brasil, precisamos repensar e agravar o termo “descobrimento” do Brasil. Conhecemos a história (do ponto de vista europeu) a qual diz que os portugueses chegaram e trouxeram cultura, civilização e desenvolvimento para o país. É muito importante que estudemos sobre a nossa história desde o prelúdio para não acreditarmos quando falarmos, como ouvimos toda nossa vida, que o Brasil foi descoberto.

Os colonizadores - em virtude da exploração do pau-brasil - caloteavam os indígenas e faziam escambo em troca de trabalho primordialmente escravo, ou então eram estritamente violentos; espalhando pro-

positalmente doenças com a intenção de dizimar tribos e tomar posse de suas terras. Tais atos resultaram na escassez de nossa própria cultura, e, apesar dessa mesma colonização ter vindo de uma forma muito cruel e bruta, não há como negar que a introdução de muitos costumes europeus ajudaram na estruturação de nossos modos e costumes atuais de um jeito muito penetrante.

Hoje, os indígenas, em porcentagem, são apenas 0,47% de 211 MILHÕES de pessoas que vivem no Brasil. A desmistificação de tantos termos como esses - “descobrimento”, “nascimento” é necessária para crescermos como pessoas cientes das nossas origens e linhagens. Agora talvez seja - infelizmente - muito tarde para retormos o que já se foi perdido ao longo da história, porém, estar ciente do que nos realmente somos e a quem essa terra realmente pertence é de extrema importância. Precisamos honrar aqueles que não puderam desfrutar dela como era no princípio seus direitos.

Por Nathália Santos de Almeida Lima



## A falta de reconhecimento e investimento nos esportes no Brasil

A prática de esportes é essencial na vida do ser humano. Com o passar dos anos, cada vez mais pessoas vão adicionando os esportes em sua vida pessoal. No Brasil, existem diversos atletas olímpicos que já conquistaram medalhas com seu esforço, porém os esportes não são devidamente valorizados e reconhecidos como deveriam ser.

De acordo com o governo federal, o investimento anual para esportes é de R\$750 milhões de reais. O valor é destinado para atletas olímpicos e paraolímpicos. É realmente um bom investimento, mas ele é muito focado em esportistas que já estão em um nível bem alto, não dando muito valor para os jovens que já praticam e estão se desenvolvendo na modalidade, prejudicando grandes talentos que teriam chance de conquistar vários títulos se recebessem algum tipo de investimento ou reconhecimento. O sistema brasileiro é bem diferente do sistema de outros países, como os Estados Unidos. Lá, o esporte é extremamente valorizado e já é incentivado desde o início dos estudos até o fim da jornada escolar e, com isso, há diversos atletas com um nível bem avançado.

Um exemplo é a skatista Rayssa Leal, a famosa “fadinha do skate”. Antes do vídeo “viralizar” nas redes sociais, ninguém sabia quem ela era, contudo a

repercussão do vídeo a tornou um grande fenômeno e uma inspiração para muitas pessoas, principalmente, para as meninas que tinham vontade de ingressar no esporte, mas tinham medo por não haver muita representatividade feminina e ocorrer a rotulação da prática esportiva como sendo possível apenas para meninos. Ela chegou a conquistar diversos títulos, inclusive foi a atleta mais jovem brasileira a ganhar uma medalha de prata em Jogos Olímpicos, fazendo história no skate. Para chegar até as Olimpíadas, ela nunca teve o apoio da prefeitura de sua cidade, além de as pistas utilizadas por ela para andar de skate estarem com vários buracos. O apoio que ela realmente recebeu foi dos pais, que sempre a ajudaram. Esse é apenas um exemplo entre diversos atletas que não recebem o reconhecimento e o suporte que precisam.

Nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2021, foi realizada uma pesquisa entre os atletas brasileiros, e, segundo as estatísticas, dos 309 que estavam em Tóquio, 131 não tinham patrocínio, 36 fizeram permutas, 41 elaboraram “vaquinhas” para a obtenção de arrecadação do valor, 33 conciliaram o esporte com algum outro emprego e 78 não estavam nem incluídos no Bolsa Atleta.

Atualmente, não há tanta desvalorização dos atle-

tas e dos esportes, vários deles são homenageados, mas mesmo assim não há investimento suficiente para promover o mesmo no país. Durante o período das Olimpíadas, os esportistas e as modalidades passam a ser valorizadas, mas depois disso, eles são esquecidos. Além disso, a maioria das pessoas não enxergam a luta que é para alguém se tornar um atleta. Com a falta de investimentos e de reconhecimento, muitos atletas acabam tendo uma carreira com um fim muito rápido. Nas escolas, também é necessário ter um incentivo ao esporte, algo que, nos dias atuais, não acontece com muita frequência.

Portanto, com todas essas informações, é visível que o esporte no Brasil precisa de mais incentivos e de mais reconhecimento, além do apoio das pessoas. Então, levando as atividades físicas para o cotidiano das pessoas e incentivando as crianças a praticarem exercícios desde pequenas, faremos com que isso passe a ser algo mais reconhecido e teremos mais investimentos. Dessa forma, será muito mais fácil formar atletas qualificados ou, até mesmo, mudar a vida de alguém que queira fazer uma carreira no esporte.

Por Giulia dos Santos Pinto

## A origem do esporte no mundo



A origem dos esportes remete a atividades naturais realizadas pelo ser humano, como correr.

Foto: [Fitsum Admasu/Unsplash](#)

Você tem alguma ideia de quando o esporte surgiu? Bem, é realmente difícil definir uma data exata para esse surgimento. Dizem que o esporte surgiu há muitos anos, o que não permite apontar uma data para esse aparecimento. Dizem que desde os tempos primitivos existe a prática de esportes voltados à sobrevivência, fundamentando-se em ações como: lutar, correr, pular, lançar objetos, praticar arco e flecha, nadar, entre outras atividades que hoje se tornaram modalidades esportivas específicas. Ressalta-se também a informação de que o esporte está ligado a rituais e práticas religiosas, em sua abrangência politeístas.

A primeira evidência de atividade física encontrada pertence à antiga China, datando de 4000 a.C., em termos de exercícios. Em meados da década de 1850 a.C., eles descobriram um afresco no Egito com imagens mostrando uma luta em diferentes movimentos, sugerindo que a atividade era organizada e estratégica. A profissionalização do esporte ocorreu em 580 a.C. com a organização de caríssimos prêmios em dinheiro e brindes para os vencedores.

Desde 75 a 83 d.C., o esporte ganhou maior importância e novas competições foram realizadas na Grécia e em Roma. Em 1336 e 1492 d.C., foram apresentadas as primeiras notícias da escalada que é o desporto, ou a atividade de escalar paredes de rocha. O Sumô é um desporto de luta competitiva de contato no qual um rikishi (um lutador de sumô) tenta forçar outro lutador para fora de um ringue circular, ou tocar o solo com qualquer parte do corpo que não seja a sola dos pés, era praticado por volta de 75 a.C. em templos Shinto (uma estrutura cujo propósito principal é abrigar um ou mais kamis xintoístas – seres que supervisionam todos os aspectos da vida humana). Em 1684, a arena circular tornou-se conhecida. O esqui parece ter surgido na Finlândia e na Suécia em 1771. Em 1603, a natação tornou-se obrigatória no Japão.

Não podemos deixar de comentar sobre um dos esportes mais inspiradores para os brasileiros, o futebol.

Em 1907, temos a lei do impedimento (quando um jogador, em posição de impedimento, movimentava-se

em direção à bola com intenção de jogá-la e é impossibilitado por um adversário antes de jogar, ou tentar jogar o objeto circular, ou disputar a bola com um adversário), foi alterada em 1926. O futebol como o conhecemos hoje, chegou à França em 1872, à Suíça em 1879, à Bélgica em 1880; na Alemanha, Dinamarca e Holanda em 1889; na Itália em 1893; para os países na Europa Central, em 1900. Em 1904, foi criada a Federação das Associações de Futebol (FIFA).

Os historiadores dizem que o futebol nasceu no Brasil graças aos marinheiros de navios ingleses, holandeses e franceses que chegaram ao nosso país na segunda metade do século XIX. Outros historiadores informam que foi em Jundiá, em 1882, que o futebol começou a ser jogado no Brasil, mais precisamente pelos funcionários da São Paulo Railway. No mesmo período histórico, funcionários da Estrada de Ferro Leopoldina começam a jogar o futebol no Rio de Janeiro.

Por Stephanie dos Santos Lopes



# Parábola da Bolsa

Úlia, mulher inteligente e à frente de seu tempo, tinha o incomum hábito de andar com uma bolsa colorida, retangular e cheia de bolsos. Era uma peça única, enfeitada com pompons das mais diversas texturas e formatos: alguns cúbicos peludos, outros triangulares e lisos e ainda dois com o estranho contorno de abajur. Essa coisa exótica era levada para todos os lados e carregava um significado especial para Úlia: continha dentro de si todos os itens que a representavam. Um batom, para sua vaidade, uma muda de roupas, por precaução, um livro, para sua intelectualidade, o número de telefone de seu quiroprata, para a saúde e, claro, as chaves de sua casa, conquistada com o suor de toda uma vida. Entre os muitos objetos óbvios, havia um que se sobressaltava pela peculiaridade – típica desta mulher –, que era o conjunto de números de seu partido.

Essa significante era movida juntamente com sua dona, quase que com vida própria, para os mais diver-

sos destinos. A neutralidade do mundo, porém, contrastava com aquela composição e ela era olhada de esguelha, de frente, de costas, por sobre o ombro, pelas janelas. Ao permanecer com aquela bolsa, Úlia era deliberadamente ignorada quando perguntava alguma informação; as pessoas não sabiam reagir àquela estranheza ou lidar com o ser pouco ortodoxo a sua frente.

O ponto alto da parábola da bolsa foi ao entrar no banco em um dia nublado e especialmente tempestuoso. Ao passar pelas portas giratórias e ir em direção aos caixas, teve de deixar seus pertences na caixinha de plástico. O vigilante, atraído pelo troço que parecia até piscar, revista a bolsa. Ao terminar de fazê-lo, o homem analisa a aparência do item novamente, para Úlia e pede para que ela se retire.

- Qual é o problema?

- A bolsa.

- O que tem ela?

- É peculiar.

- Desculpe, não entendi...

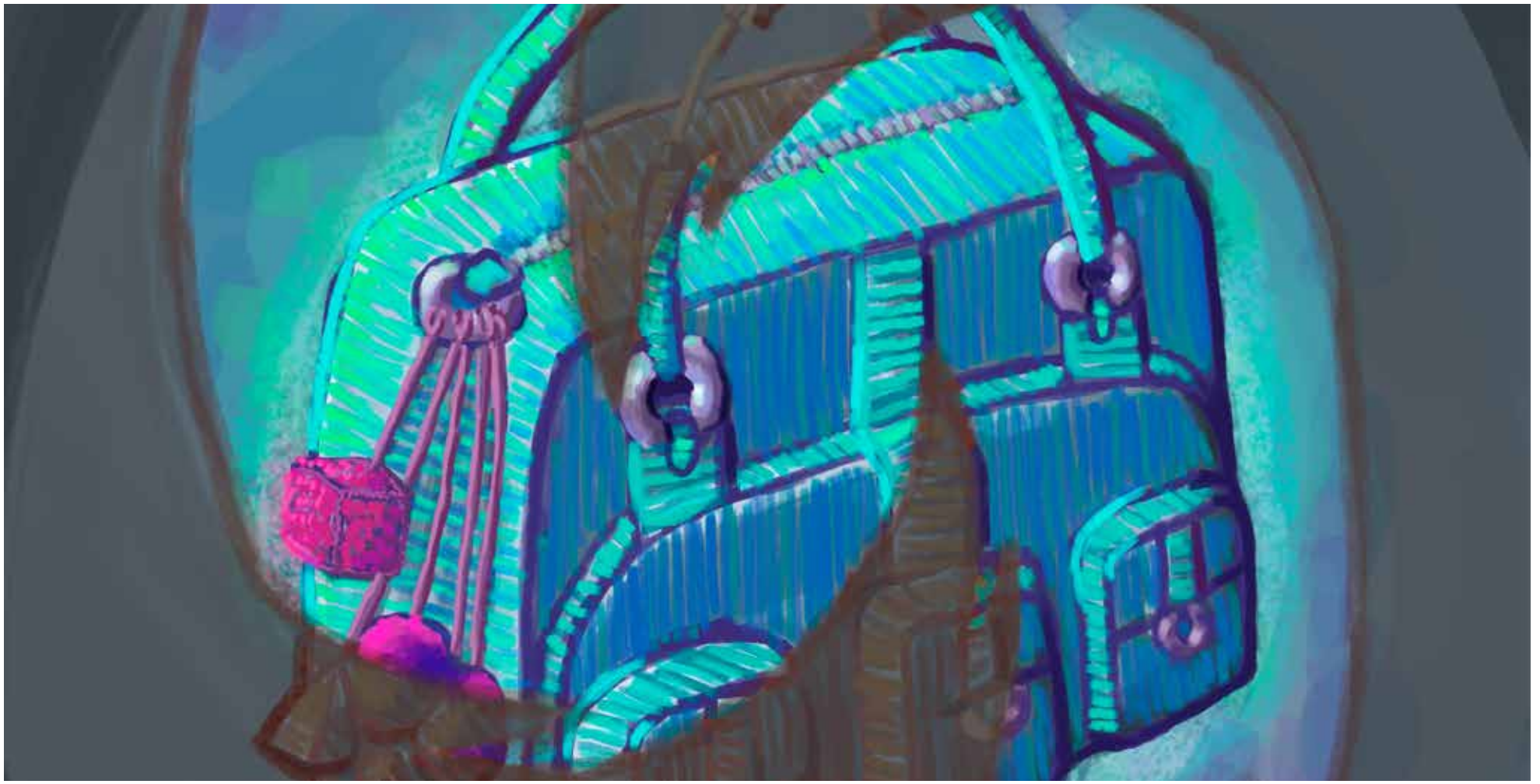
- Não gostei da combinação.

Estática por um delay de 30 segundos, Úlia logo se recolhe e sai.

Após esse episódio, ela repara no impacto da bolsa. Pouco a pouco, desapega-se. Deixa-a no fundo do armário; pouco a pouco, a cor da bolsa vai se esvaindo, o couro se desgastando, os elos metálicos se quebrando e os pompons perdendo toda a vivacidade. Pouco a pouco, Úlia se mistura no mar gris que a cerca.

Por Júlia Pereira Wong

Ilustração por [@art\\_russo](#)



## Consciência... Falta Decência.

*Século XXI, tão esperado e ansiado pela humanidade  
O que vemos na linha do crescimento interior  
O aumento de muitos horrores que coloca continuamente  
Os negros como seres inferiorizados em total vulnerabilidade!!!*

*O borrão que sempre marcou nossa fadada História  
Tão vivo, reluzente e tragicamente delineando muitas trajetórias!!!  
A tês não pode continuar a distinguir o destino da pessoa  
Que passa a ser julgada por ter nascida num mundo de hipocrisias!!!*

*Precisamos recuperar a dignidade  
Jogar na roda da igualdade toda essa indecência  
Coberta por um mundo de desigualdades e falsidades!!!*

*Vamos dizer não ao preconceito racial  
À hostilidade, à falta de hombridade, à adversidade  
Para que tenhamos decência e não "Dia de Consciência"*

*Todos somos iguais, assim diz nossa Constituição!*



## Colaboradores da 3ª Edição

### Diretora

Fabiana Golz Ribeiro Pereira

### Coordenadores

André Luiz Reis Santos  
Maristela de Carvalho Gamba

### Professores

Giovani Fernandes Gomes da Conceição  
Giselle Villar Stipanich  
Luciana Santos Legnaioli Cunha  
Thaís Helena dos Santos Abdala

### Setor Político, Social e Econômico

#### Editor

Luan Gabriel Alves do Nascimento

#### Escritores

Ana Beatriz Fernandes Alves  
Grazielly Castilho Guimarães  
Isabelli Vitória Santos da Silva  
Luan Gabriel Alves do Nascimento

### Setor Ambiental

#### Escritores

Isadora Viveiros Assumpção  
Júlia Pereira Wong  
Matheus dos Santos Banhiuk

### Setor Cultural

#### Editora

Flora de Sá Domingos Dias

#### Escritores

Estephani Oliveira Rodrigues  
Gustavo Mendes Cappi  
Kaique Apolinário da Silva  
Nathalia Santos de Almeida Lima  
Raquel de Carvalho Tavares

### Seção Apêndice

#### Escritores

Giulia dos Santos Pinto

Stephanie dos Santos Lopes

### Contos&Crônicas

Júlia Pereira Wong  
Thaís Helena dos Santos Abdala  
Giselle Villar Stipanich

### Ilustração

Arthur dos Santos Russo  
Julia Sacramento Monteiro  
Nathalie Gomes Souza  
Viviane de Assis Laurentino dos Santos

### Design

João Pedro de Lemos Faria  
Pedro Schneider  
Sara Clementino Tavares  
Yan Thomas Basílio e Silva

